

A aquisição do sintagma flexional no português brasileiro

Irenilza Oliveira*

1 Introdução

Neste trabalho, fundamentado na Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1986-b) e no Programa Minimalista (Chomsky (1995, 1998)), analiso o uso dos verbos *ser* e *estar* em posição de cópula e dos verbos auxiliares não-modais *estar*-progressivo e *ir*-futuro no processo de aquisição do português brasileiro (PB) como língua materna. O objetivo é mostrar, a partir de dados empíricos de três crianças (Beto - 20, Dany - 24 e Lucas - 25),¹ que, na fase inicial do seu desenvolvimento lingüístico, a criança já demonstra ter adquirido a categoria funcional IP (sintagma flexional), conforme aponta a corrente *continuïsta* da aquisição da linguagem (Pinker, 1984; Kato, 1995, entre outros) cujos pressupostos divergem daqueles da corrente *maturacionista* adotada por Radford (1990).

2 A Categoria IP no Desenvolvimento Inicial do Sistema Gramatical da Criança

Radford salienta que as sentenças iniciais da criança assemelham-se às "Small Clauses" (SC) do adulto, uma vez que ambas não apresentam CP (sintagma complementizador) nem IP. As sentenças infantis seriam apenas estruturas simples do tipo [NP XP].

* UNEB - Universidade do Estado da Bahia.

¹ O corpus selecionado para este trabalho faz parte das amostras de fala de nove crianças entre as idades de 20 a 34 meses, coletados por alunos do Mestrado UEFS/UNICAMP na Bahia no ano 1997, durante o curso de Tópicos de Aquisição ministrado pela Profa. Dra. Mary A. Kato. Serão utilizadas também amostras da fala de uma criança (Rachel - 20 aos 23 meses pertencentes ao banco de dados do Projeto de Aquisição da UNICAMP/IEL, coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Lemos.

em que o NP (sintagma nominal) é o sujeito e o XP é um sintagma predicativo, podendo ter como núcleo um verbo, adjetivo, uma preposição ou um nome.

- (1) a. *Me going out back.* (Gavin – 21) [R175]
 b. *Me got bean.* (Stefan – 17) [R175]
 c. *Jane go home?* (Claire – 24-5) [R122]

Em se tratando do IP infantil, Radford acrescenta que uma de suas características é a ausência do *be* cópula (2-a), do *be* progressivo (2-b) e do *have* perfectivo (2-c).

- (2) a. *It heavy.* (John – 22) [R156]
 b. *Roland going kitchen.* (Daniel – 24) [R149]
 c. *Car gone.* (Angharad – 22) [R149]

Desta forma, Radford conclui que a criança, na sua gramática inicial, não possui essa projeção funcional e usa apenas o VP (sintagma verbal) – em situações em que o adulto usaria o IP.

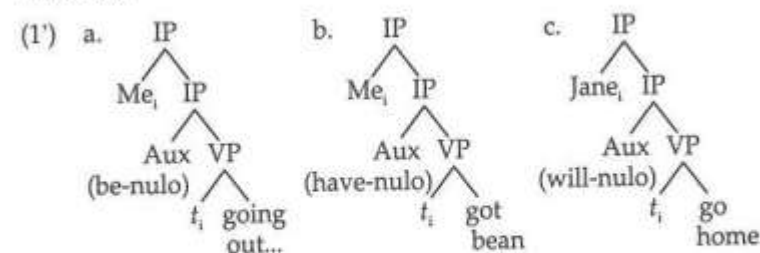
De acordo com o Programa Minimalista (MP) (Chomsky, 1995), a Faculdade da Linguagem é um sistema que, regido pela Gramática Universal (UG) por meio de requerimentos de economia, se mostra ótimo e não passível de redundância. Assumindo isto, são restringidos os níveis de representação, de forma que haverá apenas aqueles que são necessários para a interpretação das expressões linguísticas (EXP) pelas interfaces: forma fonética (PF – π), interpretada na interface articulatório-perceptual e a forma lógica (LF – λ), interpretada na interface conceptual-intencional. Uma vez que a (EXP) é fruto de uma derivação que, para ser considerada convergente, deverá após *Spell-Out*, formar o par compatível (π , λ) com todos os traços não-interpretáveis do seu léxico checados e eliminados; que a checagem de traços não-interpretáveis envolve categorias funcionais; e que a aquisição de língua materna é um fenômeno também regido pela UG, a conclusão a que Radford (1990) chega é, no mínimo, questionável, já que se a criança não projeta as categorias funcionais, como é que seus enunciados são interpretados nas interfaces?

Em "Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito" (Kato, 1995)³ é proposto, a partir do princípio de Stowell (1991), que a criança no estágio inicial da aquisição da linguagem já possui uma estrutura sintática mínima similar a de um indivíduo adulto.

³ Ver Kato (1999), que também questiona esses e outros pressupostos maturacionistas. Neste trabalho, Kato faz uma análise translingüística e utiliza dados de crianças adquirindo o PB, o inglês, o alemão, o grego e o holandês.

Uma vez que, de acordo com esse princípio, toda expressão só terá referência se tiver categoria funcional regente, Kato propõe que as falas iniciais da criança não são originalmente mini-orações, mas sim "estruturas sintáticas bem mais complexas que se referem a entidades e eventos" (1995:120). Conforme Kato, as estruturas da criança são complementos de uma estrutura mais complexa que tem como núcleo uma espécie de auxiliar nulo (*hipótese da competência mínima*). Assim, cada tipo de forma não finita denotaria aspecto e modalidades diferentes,⁴ o que permitiria supor que a criança, desde essa fase, já estaria possuindo os traços sintáticos e semânticos desses auxiliares nulos, faltando-lhe apenas a matriz fonológica.

Assim, assumindo-se a proposta de Kato, os dados expostos por Radford (1990) em (1) poderiam ser reanalisados como estruturas complexas com IP projetado, porém preenchido por auxiliares nulos.



Partindo das formas dos verbos principais, justamente a presença do verbo *go* na sua forma básica (indicando ação no presente) (1-c), do morfema *ing* do verbo *to go* (indicando, neste caso, tempo progressivo) (1-a) e da forma de particípio do verbo *get* em (1-b) (indicando uma ação acontecida num passado indeterminado), verifica-se a observância do tempo e do aspecto pela criança, e a ausência de auxiliares é justificada por questões puramente lexicais.

⁴ De acordo com a autora, no português teríamos: *ir* + infinitivo; *ter* + particípio e *estar* + gerúndio.

3 Análise dos dados: evidências do Sistema IP na gramática inicial da criança do PB

3.1 Presença dos verbos *ser* e *estar* na função de cópula

A partir dos dados em (3) abaixo, podemos inferir que, ao contrário do proposto por Radford para as crianças de língua inglesa, a criança de língua portuguesa, usa os verbos *ser* e *estar* com função de cópula.

- (3) a. É meu.
b. Tá bonito.
c. É bonito. (Beto - 20)
d. Senta. *Está* bom. (pegando um bloco na caixa de blocos de madeira)
e. M: E esse (gato) aqui, que que tá fazendo?
(com uma figura de um gato sentado no telhado)
Tá sentado.
f. Quem tá lá dentro? (Rachel - 20, 21 e 23, respectivamente)
g. É um botão.
h. O Maradona tá lá em casa.
i. Por que o braço dela tá assim?
j. Tá tudo bem. (Dany - 24)

Assim, as sentenças em (3) indicam que a criança de língua portuguesa, na fase aqui estudada, por apresentar os verbos *ser* e *estar* na posição de cópula, já projeta a categoria do IP.

3.2 Presença de auxiliares não-modais: *estar*-progressivo e *ir*-futuro

Sobre o verbo auxiliar não-modal *be*-progressivo no discurso infantil Radford diz que "se a criança não projeta IP, o *be*-progressivo também não estará presente, já que ele não tem função semântica (temática) e o verbo principal com a marca de gerúndio também indica o aspecto progressivo" (1990, p. 159).

Em português, o equivalente para a estrutura descrita acima seria o verbo *estar* + a flexão *ndo*, como em *João estava estudando*.

Contrariando a afirmação do citado autor, apresentamos os exemplos em (4):

- (4) a. *Tou dormindo*. (Dany - 24)
b. M: Onde papai está?
Buscando negócio. (Lucas - 25)
c. *Tá rodando*. (observando as chupetas girarem com a fita)

- d. M: O que você está fazendo?
Tô sentando.
e. Este gato tá *pulando*.
M: Tá pulando?
Tá. (Rachel - 21)

Em (4-a) (veja sua estrutura em (5)), assim como nos dados de Rachel (4 - c, d, e), temos uma oração sintaticamente gramatical e aceitável no PB, uma vez que nessa língua ainda se admite estruturas cujo sujeito é foneticamente nulo.

- (5) [_{IP} pro [_I tou [_{VP} dormindo]]

Entretanto em (4-b) observamos uma oração que, superficialmente, tem a sua estrutura incompleta: além do sujeito, falta o verbo auxiliar não modal (*estar*) da mesma forma apontada por Radford como evidência da não-projeção da categoria IP.

Observa-se, porém, que a ausência tanto do DP sujeito como do verbo auxiliar pode justificar-se pelo fato de a criança não precisar repetir uma informação já pressuposta. E como a informação sobre o sujeito já se evidencia no discurso do seu interlocutor e o verbo *buscar* na forma de gerúndio marca o mesmo aspecto do auxiliar não-modal, a criança se permite não repetir nem o sujeito nem o auxiliar no seu enunciado, sem nenhum prejuízo para sua interpretação.

Desta forma, tanto as sentenças em (1) como as de (4) poderiam ser explicadas pelo caráter minimalista do processo de aquisição de língua materna pela criança.

Destarte, se os dados em (4) puderem ser analisados da forma que aqui fazemos, poderemos, então, afirmar que no português inicial da criança existe o sistema da categoria IP.

Analisemos, agora, os enunciados que seguem:

- (6) a. *Vou fazer* boneco. (Beto - 20)
b. *Vou*. (Lucas - 25)
c. *Vou passar*. (com o microfone na mão indo para a cozinha)
d. *Eu vou tirar*
M: O que? Cê vai tirar?
Eu *vou*.
e. M: O que a galinha foi fazer lá dentro?
Foi nanar.
f. *Eu vou guardar* a outra aqui. (Rachel - 20, 21, 22 e 23, respectivamente)

Encontramos em (6) orações do português que indicam ações futuras. Assim como as sentenças em (4), elas são formadas por um verbo auxiliar não-modal mais o verbo principal. A diferença entre (4) e (6) reside no fato de (4) ter o verbo auxiliar (*estar*) e o principal redundantemente indicando o aspecto progressivo da oração, enquanto que em (6) somente o verbo auxiliar (*ir*) carrega o aspecto de futuro, ficando o verbo principal no infinitivo. Em (6-a, c) temos exemplos que não levantam nenhuma dúvida quanto a sua completude (embora, em (6-a), o DP sujeito não esteja foneticamente realizado), porém em (6-b) aparece apenas o verbo auxiliar. Para melhor fazer uso deste exemplo para a nossa suposição de que a criança desde a fase inicial do seu desenvolvimento lingüístico já possui o IP, se faz necessária a demonstração de seu co-texto:

A: Luquinhas, vai passear?

C: Vou.

Verifica-se que se a criança não tivesse a categoria IP projetada, a resposta esperada seria com o uso do verbo principal (*passar*), que é semanticamente mais saliente à percepção da criança, e não com o uso do verbo auxiliar. Observa-se também que o auxiliar não se apresenta com a flexão na forma não-marcada de terceira pessoa do singular (*vai*) (o que se esperaria caso ela apenas repetisse parte da fala do adulto, como supõe Radford), mas na forma de primeira pessoa do singular.⁵

Na verdade, (6-b) se constitui em mais um argumento a favor da hipótese da projeção do Sistema IP já nesta fase do desenvolvimento lingüístico, uma vez que, conforme Kato & Tarallo (1993), as respostas curtas funcionam como um desencadeador (e, por isso, evidência) da marcação de parâmetros tais como o do sujeito nulo e o do movimento do verbo de V para I. No que diz respeito estritamente ao segundo fenômeno, a possibilidade de se usar como resposta curta o verbo auxiliar (ou, no caso de sentenças sem verbo auxiliar, o verbo temático) está diretamente relacionado ao fato de este auxiliar (ou verbo temático) estar ocupando o núcleo de IP.

Também, o exemplo (6-e) pode ser mais uma contribuição para a confirmação da hipótese em questão, uma vez que nele se apresenta um enunciado formado por *ir* (passado) + infinitivo, o que demonstra que, além de utilizar o auxiliar não-modal *ir*, a criança o faz marcando a distinção flexional presente vs. passado deste auxiliar.

⁵ Embora eu não me proponha neste pequeno ensaio a investigar a presença da flexão dos verbos, observo em (5-a) e (6) os verbos *estar* e *ir*, respectivamente, conjugados, perfeitamente, na primeira pessoa do singular, o que ocorre em 62% das sentenças com sujeito de primeira pessoa do singular.

4 Considerações finais

Observando através dos nossos dados a atuação dos verbos *ser* e *estar* em posição de cópula, os verbos auxiliares não-modais (*estar*-progressivo e *ir*-futuro), parece possível concluir que as crianças que adquirem o português como L1, na fase inicial de seu desenvolvimento lingüístico aqui analisada, projetam o sintagma flexional.

Se a criança tem como *input* para a aquisição os dados lingüísticos primários, parece legítimo afirmar que ela vai estar se baseando nessas informações e nas restrições da UG na sua trajetória de S₀ (estado inicial de aquisição) para L(íngua). Assim, se o resultado da aquisição forma pares (π , λ) compatíveis, pode-se dizer que também na fala infantil entram operações de checagem que são intermediadas por categorias funcionais. Conclui-se, então, que a criança, talvez por ser mais dirigida pelos requerimentos da UG, demonstre uma aquisição minimalista de língua materna, evitando procedimentos mais custosos para a derivação. Daí a produção de enunciados aparentemente mais simplificados do que os enunciados adultos.

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: it's nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986b.
- . *The minimalist program*. Massachusetts: The MIT Press, 1995.
- . *Minimalist inquiry: the framework*. MIT Occasional Papers in Linguistics, 15, 1998.
- KATO, M. Raízes não-finitas na criança e a construção do sujeito. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 29, 1995.
- . Questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros". In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 36, 1999.
- ; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em português. In: PASCHOAL, M. Sofia Z. de; CELLANI, M. Antoniweta A. (orgs.). *Lingüística aplicada: da aplicação lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, 1993.
- PINKER, S. *Language learnability and language development*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1984.
- RADFORD, Andrew. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax. The nature of early child grammars of English*. Essex: Basil Blackwell, 1990.
- STOWELL, T. Small clause restructuring." In: FREIDIN, R. (org.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991.